

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Kaiapós Menkragnoti
 Data 25/08/93 Pg.: 161

CONFLITO ANUNCIADO

Caiapós declaram guerra contra o Ibama

Líder indígena diz que não aceita restrições à venda de mogno; grupo já patrocinou dois massacres

Jorge Araújo - 7.mar.89/Folha Imagem



Índios caiapós se preparam para entrar em guerra

Tribo é a mais rica do país

Da Agência Folha em Belém

Em junho, os líderes das 15 aldeias caiapós no sul do Pará e norte do Mato Grosso decidiram pressionar o Congresso para manter os índios como tutelados da Funai na revisão constitucional. Há duas semanas, eles se cotizaram e conseguiram garantir a viagem e estada de 200 índios em Brasília. "Tudo saiu por Cr\$ 500

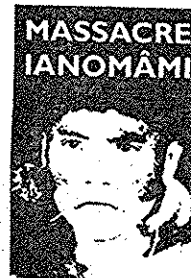
mil", diz Pedro Kaiapó.

Nenhuma outra tribo do país tem esse poder de fogo. Os caiapós obtêm dinheiro por meio de contratos com madeireiros e garimpeiros que atuam nas suas terras. "Nós pagamos por mês aos índios cerca de 40 mil dólares", disse o madeireiro Osmar Alves Ferreira, autuado pelo Ibama por exploração de mogno na reserva Menkragnoti.

ABNOR GONDIM

Da Agência Folha, em Belém

Os índios caiapós da aldeia Gorotire (a 750 km ao sul de Belém) vão abrir guerra contra os servidores do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente) se eles entrarem na reserva para impedir a retirada de mogno. A informação é do líder indígena e chefe do Posto da Funai no Gorotire, Pedro Tabô Kaiapó, 35. "Se entrar aqui, não volta mais e vai ter guerra", disse.



O ministro do Meio Ambiente, Coutinho Jorge, disse ontem, de Brasília, que o Ibama não fará ações isoladas em reservas indígenas para proteger os recursos naturais. "As futuras ações nas reservas indígenas envolverão o Ibama, a Funai, o Ministério das Minas e Energia e, se necessário, a Polícia Federal", disse.

Tabô afirma que os guerreiros da aldeia não vão aceitar que o Ibama ou outro órgão do governo repita lá a apreensão de 5.000 toras de mogno feita, no início do mês, nas áreas indígenas do Pukanu e Kubenkokre (sul do Pará). "Os índios de lá não sabem, mas nós sabemos muito bem que ninguém pode entrar na reserva sem autorização", disse.

Tabô classificou como invasão e desrespeito aos índios a entrada de servidores do Ibama e jornalistas nas áreas Pukanu e Kobenkokre. Lá, a maior reação dos índios foi

a invasão ao hotel, em São Félix do Xingu (PA), onde estavam os jornalistas da Rede Globo, com a apreensão da câmera e de fitas, já devolvidas à empresa pelo líder Raoni, caiapó da aldeia Txucaramãe (norte do Mato Grosso). "Aqui, se alguém entrar, sabe como é", disse.

O ministro disse que os fiscais cumpriram sua missão ao encontrar toras de madeira no rio Xingu, que margeia a reserva. "Não houve invasão da reserva porque o rio é público", disse Coutinho Jorge. Mas ele disse que em hipótese alguma o Ibama entrará na área Gorotire. "Esse trabalho será da Funai, de acordo com portaria assinada por nós e pelos ministérios da Justiça e das Minas e Energia. Nossa atuação será fora da reserva", disse.

Os índios caiapós ficaram temidos como guerreiros ousados no sul do Pará e norte do Mato Grosso, desde agosto e setembro de 80, quando promoveram dois massacres, matando 30 pessoas em duas fazendas. Nenhum índio foi processado pelos crimes cometidos. As ações inibiram invasões em suas terras, que agora envolvem cerca de 11 milhões de hectares contíguos com cerca de 5.000 índios, em 15 aldeias.

O primeiro massacre foi comandado pessoalmente pelo líder indígena Raoni. Foram mortos a bordunadas 11 trabalhadores da fazenda São Luís, no norte do Mato Grosso. Raoni chegou a ensaiar golpes de bordunas no então presidente da Funai, Carlos Nobre da Veiga, ao ser indagado sobre o massacre.